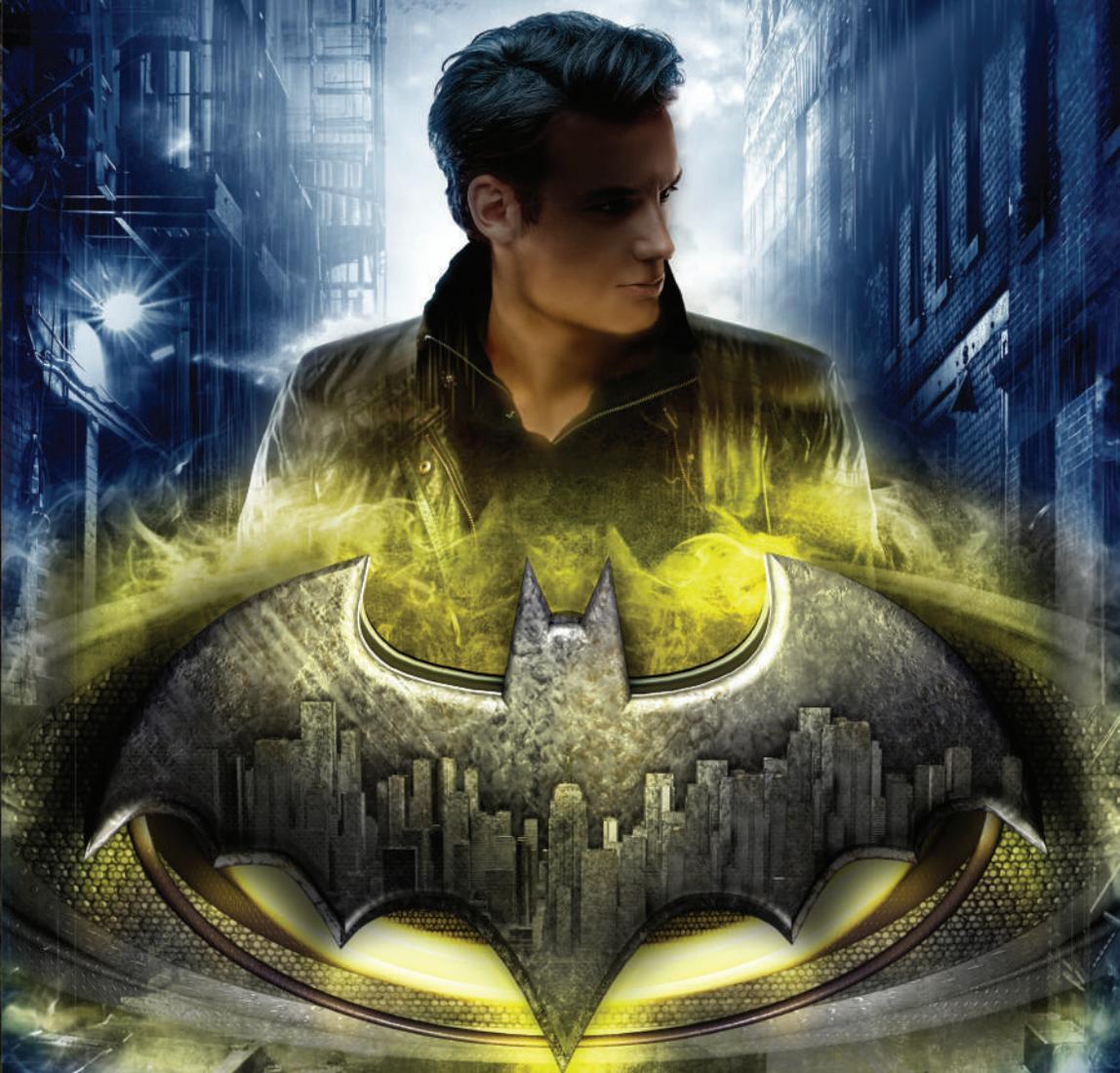


AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

MARIE LU



BATMANTM

VIGILANTE NOTURNO

TOP
SEL
LER

#Bliss

Para Dianne:

Bruce Wayne teria sorte em ter-te como amiga.

PRÓLOGO

O sangue sob as unhas incomodava-a. *Luvas foleiras, estúpidas e inúteis*, pensou, aborrecida, a rapariga. Esta noite, usara dois pares, um por cima do outro, mas um raro golpe errante da faca cortou as duas camadas e agora o sangue chegara-lhe às mãos. *Estúpida*. Se fosse uma outra noite, teria parado e, com cuidado e método, raspado os flocos escarlata de debaixo das unhas, uma fila após outra. Mas, neste momento, não tinha tempo.

Sem tempo, sem tempo.

A luz do luar atravessou o chão da mansão, iluminando parte do corpo despido do homem. *Sangrou de forma estranha*, pensou a rapariga, *comparando com os outros*. O sangue tinha-se simplesmente acumulado por baixo dele num círculo perfeito, como um disco de cobertura macia sobre um bolo.

Ela voltou a suspirar, guardou na mochila a sua lata de spray vermelho e depois pegou nuns quantos trapos

espalhados pelo chão. Na parede ao lado dela encontrava-se o símbolo que acabara de desenhar apressadamente.

Eles esta noite tinham calculado tudo mal, desde as inesperadas complicações do sistema de segurança de Sir Grant à entrada da mansão, ao choque de ele os ter visto quando chegaram, em vez de estar a dormir profundamente. O tempo esgotava-se. Ela odiava atrasar-se.

Percorreu apressadamente o quarto de dormir, recolhendo as ferramentas e enfiando-as na sua mochila. O luar iluminou-lhe as feições em intervalos regulares conforme passou diante da fileira de janelas. A mãe costumava dizer-lhe que tinha feições de boneca, que desde que nascera parecia uma boneca — olhos grandes de um preto aquoso; pestanas muito, muito compridas; um nariz elegante e uma boca que parecia um botão de rosa; pele de porcelana. As sobrancelhas eram retas e suaves na testa, conferindo-lhe uma expressão que aparentava uma vulnerabilidade permanente.

Era isso o que havia nela. Ninguém alguma vez viu o que verdadeiramente interessava, até ser demasiado tarde. Até o sangue deles lhe manchar as unhas das mãos.

No meio de toda a pressa, o seu cabelo despenteara-se, caindo-lhe sobre os ombros numa cascata de preto, e ela parou para prendê-lo num nó. Sem dúvida que se teriam soltado um ou dois fios, agora caídos no chão, deixando uma pista a ser seguida pela polícia. Mas não tinha importância... desde que conseguisse escapar daqui a tempo. Que fuga tão confusa, tão incaraterística dela.

Vou matá-los, pensou, amargamente. Deixarem-me aqui a limpar esta...

Algueres na noite soou o uivo de sirenes.

Deteve-se, com a cabeça virada na direção do som, atentamente à escuta. A sua mão voou instintivamente para

pousar nas facas presas à coxa. Depois, começou a correr. As botas dela não geraram qualquer som. Avançou como uma sombra, o único ruído a ser o suave bater da sua mochila nas costas. Pelo caminho, puxou o seu lenço preto para lhe tapar a parte inferior do rosto, ocultando-lhe nariz e boca, e ajustou sobre os olhos o par de visores noturnos. Através dos visores, a mansão transformou-se numa grelha de sinais de calor e linhas verdes.

As sirenes aproximavam-se rapidamente.

Ela voltou a fazer uma pausa para respirar. Vinham de diferentes direções... iam cercá-la. *Sem tempo, sem tempo.* Desceu a correr a escadaria da mansão, com o seu vulto perdido por completo nas sombras, e depois, na base, guinou de repente, não para a porta da frente, mas para a cave. O sistema de segurança fora reprogramado para selar a porta da frente a partir de dentro, mas a cave era a sua rota de fuga, todos os alarmes inativados e trancas das janelas à espera das instruções dela.

Quando ela chegou à cave, as sirenes no exterior tornaram-se ensurdecedoras. A polícia chegara.

— Janela A abrir — murmurou para o bocal. Na outra ponta da divisão, a janela reprogramada destrancou-se com um clique suave e obediente. A polícia reunir-se-ia nas portas da frente e das traseiras, mas não lhes ocorreria ainda espreitar para a lateral de uma casa tão grande, não sem saberem da existência de uma pequena janela no piso térreo. Ela correu mais depressa.

Chegou à janela e começou a içar-se para passar por lá, serpenteando ao sair num mero segundo. No relvado da frente, ouviu um agente da polícia a gritar para um megafone e conseguiu ver os sinais de calor de pelo menos uma dúzia de guardas com armadura pesada agachados em redor

do perímetro da mansão, os rostos escondidos por detrás de capacetes e espingardas, todas apontadas à porta.

Ela ergueu-se de um pulo na escuridão, levantou o visor e preparou-se para fugir disparada.

Uma luz ofuscante desabou sobre ela.

— Mãos no ar! — Várias vozes gritavam, em simultâneo, com ela. Ouvia os cliques de armas carregadas, e depois o ladrar enfurecido dos cães da polícia a custo retidos pelos seus parceiros.

— De joelhos! Já!

Tinham-na descoberto. Quis praguejar. *Sem tempo, sem tempo*. E agora era demasiado tarde. Pelo menos os outros envolvidos na missão já tinham escapado. Por uma fração de segundo, ela pensou em sacar das suas facas e atirar-se ao polícia mais próximo, usando-o como refém escudo.

Mas eles eram demasiados e a luz cegara-a o suficiente para que a sua visão se tornasse imprecisa. Não teria tempo para tal movimento sem que a polícia libertasse os cães, e ela não desejava ser mutilada até à morte.

Assim sendo, levantou as mãos.

Os agentes empurraram-na com força para o chão; o rosto dela raspou na terra e na relva. Viu um vislumbre de si mesma refletido nos capacetes opacos da polícia, e os canos das armas apontados diretamente à sua cara.

— Apanhámo-la...! — gritou um para o seu rádio, a voz rouca com a excitação e o medo. — Está detida! Aguentem...

Apanharam-me, disse a si mesma ao sentir as algemas frias a clicar nos seus pulsos. Mas mesmo com a sua face pressionada contra o chão, permitiu-se a um pequeno sorriso trocista por detrás do seu lenço.

Apanharam-me... por ora.

CAPÍTULO 1

Se Bruce Wayne pertencesse a algum carro, seria a este: um *Aston Martin* novinho em folha feito por encomenda, agressivo, elegante e preto-carvão, embelezado com uma faixa metálica lustrosa ao longo do tejadilho e do *capot*.

Bruce levava o carro aos limites, deixando-se guiar pelo rugido do seu motor, pelo modo como reagia ao seu leve toque ao abraçar as ruas decadentes logo às portas de Gotham City. A viatura tinha sido um presente da WayneTech, apetrechada com o equipamento de segurança mais recente da WayneTech — uma colaboração histórica entre o lendário fabricante e o império Wayne.

Agora, os pneus chiavam em protesto enquanto Bruce faz mais uma curva apertada.

— Eu ouvi isso — disse Alfred Pennyworth através do vídeo em direto que passava no ecrã tátil do carro. Lançou um olhar fulminante a Bruce. — Um pouco mais devagar nas curvas, menino Wayne.

— Os *Aston Martin* não foram feitos para curvar devagar, Alfred.

— Também não foram feitos para ir para a sucata.

Bruce sorriu de esguelha para o seu tutor. O sol poente refletiu-se nos seus óculos escuros de avião quando ele apontou o carro de novo na direção dos arranha-céus de Gotham City.

— Não tens nenhuma fé em mim, Alfred — disse, num tom de gozo. — Não te esqueças de que foste tu quem me ensinou a conduzir.

— E ensinei-o a conduzir como um demónio possuído?

— Um demónio possuído por *um dom* — esclareceu Bruce. Rodou o volante num movimento suave. — Além disso, é uma prenda da *Aston Martin*, e está armado até aos dentes com a segurança WayneTech. Só o conduzo para exibir as suas capacidades em termos de segurança no evento de beneficência de logo à noite.

Alfred suspirou.

— Sim, eu recordo-me.

— E como é que o posso fazer em condições sem testar os limites desta obra-prima?

— Mostrar a segurança WayneTech num evento de beneficência não é o mesmo que usá-la para desafiar a morte — ripostou Alfred, num tom mais seco do que nunca. — O Lucius Fox pediu-lhe que levasse o carro à festa para que a imprensa fizesse uma boa crítica sobre o assunto.

Bruce fez mais uma curva muito apertada. O carrão calculou de imediato a estrada à sua frente e, no para-brisas, ele viu uma série de números transparentes a aparecer e desaparecer. Reagindo com uma precisão inquietante, o carro revelou-se em perfeita sincronia com a estrada enquanto mapeava os terrenos em volta até ao mais ínfimo pormenor.

— É exatamente isso que estou a fazer — insistiu Bruce, de olhos arregalados. — A tentar lá chegar a tempo.

Alfred abanou dramaticamente a cabeça enquanto limpava o pó a um peitoril da Mansão Wayne, com a luz do sol a projetar sombras douradas na sua pele pálida.

— Vou matar o Lucius por achar que isto seria uma boa ideia.

Um sorriso afetuoso apareceu nos lábios de Bruce. Às vezes, pensava que o seu tutor era extremamente parecido com um lobo, com o seu atento olhar azul gelado, cansado da vida. Uns poucos fios de cabelo branco começaram a surgir nos últimos anos no cabelo de Alfred, e as rugas nos cantos dos olhos tornaram-se mais profundas. Bruce pensou se seria ele a razão daquilo. Ao pensar nisso, reduziu um pouco a velocidade.

Era naquele momento do final da tarde que as pessoas conseguiam vislumbrar morcegos a sair para as suas caçadas noturnas. Quando Bruce chegou ao interior da cidade, avistou a silhueta de uma nuvem deles a contrastar com o céu a escurecer, a circular para longe dos recantos sombrios da cidade para se juntarem ao resto da colónia.

Bruce sentiu a habitual pontada de nostalgia. O seu pai, em tempos, declarara uns terrenos perto da Mansão Wayne como um dos maiores refúgios de morcegos da cidade. Bruce ainda tinha memórias da infância de se agachar lá, espantado, no relvado da frente, com os seus brinquedos esquecidos enquanto o pai apontava para os milhares de criaturas a fluir no crepúsculo, varrendo o céu numa faixa ondulada. Eram indivíduos, dissera o pai, contudo, continuavam a saber, de alguma forma, movimentarem-se como um único ser.

Ao recordar, a mão de Bruce apertou com mais força o volante. O seu pai deveria aqui estar, sentado no lugar do

passageiro a observar os morcegos com ele. Mas isso era, naturalmente, impossível.

As ruas começaram a revelar-se mais sujas conforme Bruce se aproximou da baixa, até os arranha-céus taparem o sol em descida e deixarem as vielas na sombra. Passou velozmente diante da Wayne Tower e do Seco Financial Building, onde tinham sido levantadas umas quantas tendas nas suas vielas — um contraste profundo, pobreza logo ao lado de uma rica referência financeira. Ali perto, ficava a Ponte Urbana de Gotham, com a sua repintura a meio. Um aglomerado de casas dilapidadas e de renda baixa repousava ao acaso por baixo.

Bruce não se lembrava de a cidade ter este aspeto quando era mais novo — tinha uma recordação de Gotham City como sendo uma impressionante selva de cimento e aço, recheada de uma rotação de carros caros e porteiros de capa preta, o aroma a couro novo e água de colónia de homem e perfume de mulher, as receções reluzentes de hotéis finos, o convés de um iate de frente para as luzes da cidade que iluminavam o porto.

Com os pais ao lado, só vira o bom — não os *graffiti*, ou o lixo nas sarjetas, ou os carrinhos de compras abandonados e as pessoas encolhidas nos cantos ensombrecidos, a chocalhar moedas em copos de papel. Sendo uma criança protegida, vira apenas o que Gotham City podia oferecer a troco do preço certo, e nada do que fazia a alguém pelo preço errado.

Tudo isso mudara numa noite fatídica.

Bruce já sabia que hoje iria ser assolado por pensamentos relativos aos pais, no dia em que seriam abertos os seus fundos fiduciários. Mas, por muito que se tivesse preparado, as recordações dilaceraram-lhe o coração.

Estacionou o carro na rua que curvava para Bellingham Hall. Um tapete vermelho cobria o passeio da frente e subia pelas escadas, e um bando de *paparazzi* reunira-se ao lado da via, com as câmaras já a lançar flashes sobre o seu carro.

— Menino Wayne.

Bruce percebeu que Alfred ainda lhe falava sobre segurança.

— Estou a ouvir, Alfred — disse ele.

— Duvido. Ouviu-me dizer-lhe para agendar uma reunião, amanhã, com o Lucius Fox? Vai trabalhar com ele todo o verão. Vocês deviam, pelo menos, preparar um plano detalhado.

— Sim, senhor.

Alfred fez uma pausa para o fitar com um olhar carrancudo.

— E, hoje à noite, comporte-se. Percebido?

— O meu plano é ficar quietinho num canto sem abrir a boca.

— Muito engraçado, menino Wayne. Vou acreditar no que diz.

— Não há desejos de aniversário para mim, Alfred?

Com aquilo, formou-se por fim um sorriso no rosto de Alfred, suavizando as suas feições.

— E felizes 18 anos, menino Wayne. — Meneou a cabeça. — É mesmo filho da Martha, ao organizar este evento. Ela sentir-se-ia orgulhosa de si.

Bruce cerrou momentaneamente os olhos ao ouvir a referência à sua mãe. Em vez de festejar todos os anos o seu aniversário, ela organizava uma festa de beneficência e o dinheiro angariado seguia diretamente para o Fundo de Proteção Legal de Gotham City, um grupo que ajudava aqueles que não tinham posses a defenderem-se em tribunal.

Esta noite, Bruce iria dar seguimento a essa tradição, agora que a responsabilidade pela fortuna da sua família recaía oficialmente sobre os seus ombros.

É mesmo filho da Martha. Bruce limitou-se a encolher os ombros face ao elogio, sem saber muito bem como aceitá-lo.

— Obrigado, Alfred — reagiu. — Não esperes por mim acordado.

Os dois terminaram a chamada. Bruce deteve-se em frente ao salão e, por uma fração de segundo, deixou-se ficar ali sentado, a equilibrar as emoções enquanto os *paparazzi* lhe gritavam desde o lado de fora do carro.

Crescera sob as luzes da ribalta, suportara anos de títulos de jornais sobre ele e os seus pais. BRUCE WAYNE, DE 8 ANOS, É A ÚNICA TESTEMUNHA DO ASSASSÍNIO DOS SEUS PAIS. BRUCE WAYNE VAI HERDAR A FORTUNA! BRUCE WAYNE, DE 18 ANOS, É AGORA O ADOLESCENTE MAIS RICO DO MUNDO! E por aí fora.

Alfred já antes colocara ordens de restrição contra fotografos por apontarem as câmaras às janelas da Mansão Wayne, e Bruce viera uma vez a correr lavado em lágrimas da escola básica para casa, aterrorizado com os *paparazzi* famintos que quase o atingiram com os seus carros. Ele passara os primeiros anos a tentar esconder-se deles — como se enfiar-se no seu quarto na mansão de certa forma fizesse com que os tabloides não inventassem novos rumores.

Mas, uma pessoa ou se esconde da realidade, ou lida com ela. E, com o passar do tempo, Bruce erigira um escudo, negociara umas tréguas implícitas com a imprensa.

Ele apareceria com o seu comportamento público cuidadosamente cultivado, deixava-os fotografar o que queriam. Em troca, eles incidiam a sua atenção num assunto de escolha dele. E, neste momento, esse assunto era o trabalho da

WayneTech para tornar Gotham City mais segura — tudo, desde nova tecnologia de segurança para as contas bancárias da cidade até drones que ajudavam o Departamento de Polícia de Gotham City ou funcionalidades de segurança automóvel que iriam lançar gratuitamente, tecnologia de acesso livre para todos os fabricantes de carros.

Ao longo dos anos, Bruce passara noites sem fim debruçado sobre a secretária do seu quarto, a escutar obsessivamente a polícia e a seguir, sozinho, casos arquivados. Queimara dezenas de lâmpadas ao desconstruir protótipos da WayneTech na sua secretária na escuridão que antecede o amanhecer, erguendo *microchips* cintilantes e juntas artificiais, estudando a tecnologia que a sua empresa fazia para melhorar a segurança da cidade.

Se para estimular essa agenda fosse necessário estar nas notícias, bem... então que assim fosse.

Quando um criado apareceu a correr para lhe abrir a porta do carro, Bruce disfarçou o seu desconforto, saiu num movimento único e gracioso e exibiu um sorriso imaculado aos repórteres. As câmaras entraram em ebulição. Um par de guarda-costas de fato preto e óculos escuros empurrou as pessoas para trás, abrindo-lhe caminho, mas os repórteres ainda se amontoavam, com os microfones estendidos, a gritar perguntas.

«Está ansioso pela sua formatura?» «Está a apreciar a sua nova riqueza?» «Como é que se sente sendo o mais jovem bilionário do mundo?» «Com quem anda a sair, Bruce?» «Ei, Bruce, vire-se para este lado! Mostre-nos um sorriso!»

Bruce obedeceu, oferecendo-lhes o seu melhor sorriso. Sabia que era fotogénico — alto e elegante, os seus olhos azuis-escuros como safiras em contraste com a sua compleição alva, o seu cabelo preto alisado na perfeição para

trás, o seu fato feito por medida e os seus sapatos muito bem engraxados.

— Boa noite — disse ele, parando por momentos em frente ao carro.

— Bruce — gritou um dos *paparazzo*. — Esse carro é a sua primeira compra? — Piscou o olho. — Já está a desfrutar do seu fundo?

Bruce limitou-se a mirá-lo fixamente, recusando-se a morder o isco.

— Este é o mais recente *Aston Martin* a chegar ao mercado, completamente equipado com tecnologia de segurança da WayneTech. Convido-o a explorar esta noite o seu interior para uma primeira espreitadela em exclusivo. — Estendeu a mão na direção do carro, onde um dos seus guardas de fato abriu a porta para que a Imprensa espreitasse. — Obrigado por cobrirem, esta noite, a gala de beneficência da minha mãe. Significa muito para mim.

Continuou a falar mais um pouco sobre a obra de caridade que o evento iria apoiar, mas toda a gente lhe gritou, ignorando as suas palavras. Bruce fitou-os, desgastado, e por momentos sentiu-se sozinho e subjugado. O seu olhar passou para lá dos *paparazzi* dos tabloides, em busca de jornalistas de jornais de referência. Já imaginava os títulos do dia seguinte: BRUCE WAYNE ESTOURA DINHEIRO EM CARRO DE UM MILHÃO DE DÓLARES! BEBÉ DO FUNDO FIDUCIÁRIO NÃO PERDE TEMPO! Mas, pelo meio desses, haveria, se tudo corresse bem, uns quantos títulos verdadeiros, a detalhar o trabalho em curso na WayneTech. Era isso o que interessava. Assim sendo, deixou-se ficar, aguentando as fotografias.

Depois de permitir, por uns momentos, que os flashes das câmaras disparassem selvaticamente, Bruce encaminhou-se

para a entrada do salão. Havia outros convidados parados no alto das escadas — membros da classe alta de Gotham, um ou outro deputado municipal, grupos de admiradores. Bruce deu por si a categorizar toda a gente na multidão. Era uma tática de sobrevivência que aprendera com a morte dos pais. Havia as pessoas que o convidariam para jantar apenas na esperança de lhe sacar mexericos. As pessoas desejosas de traír amigos de modo a tornarem-se amigas dele. Um ou outro colega de turma rico que espalhava mentiras sobre ele apenas por pura inveja. Aquelas que fariam tudo por um encontro com ele, para depois partilharem os pormenores nos pasquins da manhã seguinte.

Mas, à superfície, ele manteve-se descontraído, cumprimentando educadamente toda a gente. Apenas mais uns passos até chegar à entrada. Tudo o que tinha a fazer era entrar e depois poderia procurar...

— Bruce!

Uma voz conhecida impôs-se ao caos. Bruce olhou para cima para ver uma rapariga em bicos de pés e a acenar-lhe desde o alto das escadas. Cabelo preto roçava-lhe pelos ombros e as luzes no chão do salão realçavam-lhe a pele castanha e a curva bem torneada das ancas. Havia fio cintilante no tecido do vestido, a reluzir a prata conforme ela se movia.

— Ei! — chamou ela. — Aqui!

O comportamento cuidadoso de Bruce cedeu ao alívio. *Dianne Garcia*. Categoria: genuína.

Quando ele chegou junto dela, Dianne instintivamente virou costas à multidão presa atrás da corda de veludo ao fundo das escadas, numa tentativa de o proteger dos flashes das câmaras.

— Atrasado, como mandam as regras, no teu próprio aniversário? — disse ela, com um sorriso rasgado.

Ele, grato, piscou-lhe o olho e inclinou-se para lhe falar ao ouvido.

— Sempre.

— Este evento de beneficência é uma loucura — prosseguiu ela. — Acho que podes bater um novo recorde em termos de angariação de dinheiro.

— Graças a Deus — replicou ele, envolvendo o pescoço dela com um braço. — Caso contrário, teria estado a aguentar as câmaras lá em baixo para nada.

Ela riu-se. Esta era a rapariga que um dia arrancara um dente a soco a um miúdo por incomodar as amigas dela, que memorizara na íntegra o primeiro capítulo de *Um Conto de Duas Cidades* na aula de Inglês do último ano da secundária para ganhar uma aposta, e que era capaz de passar uma hora a olhar para uma ementa para no fim pedir o mesmo hambúrguer de sempre. Agora, Dianne empurrava-o num protesto afetuoso, agarrando-lhe o braço e encaminhando-o pelas portas abertas para o salão, deixando para trás os *paparazzi*.

Lá dentro, a iluminação era ténue, de um azul ambiental, e os candelabros pendurados no teto alto brilhavam com intensidade a prata e branco. Esculturas de gelo e grandes quantidades de comida cobriam compridas mesas de banquete, enquanto outra mesa estava carregada com filas de peças para leiloar, todas a tremer levemente ao ritmo da música.

— Pensei que tinhas hoje uma entrevista na universidade — disse ele, por cima do ruído enquanto Dianne pegava numa tarte de limão pousada numa das bancas de sobremesas. — Não é que me queixe por aqui estares, claro.

— Foi mais cedo — replicou Dianne com a boca cheia de bolo. — Está tudo bem. A minha *lola* precisava de mim em casa à tarde para ir buscar o meu irmão e, além disso,

não suportava a ideia de privar-te da minha companhia hoje à noite. — Inclinou-se para ele, com a voz a soçobrar para um sussurro agoirento. — Foi a minha maneira de te dizer que não te trouxe nada.

— Nada de nada? — Bruce assentou a mão sobre o coração, fingindo-se magoado. — Arrasaste-me.

— Se quiseres, posso fazer-te um bolo.

— Isso não, por favor. — Da última vez que Dianne tentara fazer biscoitos, provocara um incêndio na cozinha de Bruce e passaram uma hora a esconder os cortinados de cozinha chamuscados para que Alfred não percebesse.

Dianne voltou a apertar-lhe o braço.

— Então, esta noite só tens de preparar-te para a comida do jantar.

Uns anos antes, Bruce, Harvey e Dianne concordaram em abdicar de presentes de aniversário em troca de um encontro anual no restaurante local favorito deles. Iria ser, também, onde se encontrariam esta noite, depois do evento de beneficência, e Bruce poderia pôr de parte o bilionário e ser apenas um rapaz prestes a terminar a secundária, a ser gozado por dois dos seus melhores amigos em frente a hambúrgueres gordos e batidos espessos. Sorriu, ao pensar nisso.

— E então? — perguntou a Dianne. — Como é que correu a entrevista?

— O entrevistador não desmaiou horrorizado com as minhas respostas, por isso vou arriscar-me a dizer que correu bem. — Encolheu os ombros.

E essa foi a forma de Dianne dizer que arrasou, tal como arrasava em tudo o mais na vida. Bruce veio a reconhecer o seu encolher de ombros sempre que ela tentava menoreizar um feito — obter uma nota perfeita nos seus exames de

admissão, ser admitida em todas as universidades a que se candidatou ou discursar como melhor aluna da turma no final do ano, daí a um mês.

— Parabéns — disse ele. — Embora provavelmente já tenhas ouvido isto da parte do Harvey.

Ela sorriu.

— Tudo o que o Harvey fez esta noite foi implorar-me para não o deixar sozinho na pista de dança. Tu sabes o quanto os dois pés esquerdos dele adoram dançar.

Bruce riu-se.

— Ele não está, neste momento, sozinho na pista de dança?

A música ficou cada vez mais alta conforme se aproximaram da pista, até que, por fim, passaram por um conjunto de portas duplas para uma varanda sobranceira a um espaço apinhado de gente. Aqui, a música fazia vibrar o chão. Uma névoa envolvia o piso térreo. No palco lá mais em baixo havia uma tribuna rebuscada, por detrás da qual se encontrava o DJ, a sacudir a cabeça ao ritmo da música. Atrás dele, um ecrã enorme estendia-se desde o chão ao teto, exibindo uma série de padrões em movimento.

Dianne fez concha com as mãos sobre a boca e gritou:

— Ele está aqui!

Ecoou uma explosão de aplausos desde a pista de dança, que até abafou a música. Bruce olhou em frente enquanto o rugido da multidão a cantar os «Parabéns!» preencheu a sala. Bruce sorriu e acenou à multidão, e, entretanto, o DJ acelerou a faixa. Depois, cortou intempestivamente o ritmo e a multidão tornou-se um mar de membros a balançar.

Bruce permitiu que a intensa batida da música lhe preenchesse os sentidos e qualquer desconforto que pudesse sentir acabou por desaparecer. Enquanto cumprimentava

uma pessoa a seguir a outra, detendo-se para tirar *selfies* com algumas, perdeu Dianne no emaranhado de corpos, até não conseguir ver mais do que uma mancha difusa de rostos conhecidos e desconhecidos, cada contorno iluminado por faixas de néon e escuridão.

Ali está ela. Dianne aproximara-se de Harvey Dent, que parecia pálido sob as luzes de discoteca enquanto se esforçava ao máximo por acompanhar o ritmo. Bruce sorriu ao ver a cena, e depois começou a abrir caminho pela pista de dança na direção deles. Acenaram-lhe.

— Bruce!

Ele virou-se ao ouvir a voz, mas, antes de poder sequer responder, alguém lhe deu uma palmada forte no ombro. Formou-se um rosto diante de si, com um sorriso desagradável, os seus dentes brancos ainda mais alvos face ao rosto pálido.

— Ei... feliz aniversário, pá!

Richard Price, filho do atual mayor de Gotham City. Bruce, surpreendido, pestanejou. Já tinham decorrido meses desde que haviam conversado pela última vez, mas Richard já crescera uns centímetros, de tal forma que Bruce teve de olhar ligeiramente para cima para fitar o rapaz nos olhos.

— Olá — respondeu, correspondendo ao abraço de Richard. — Não pensei que viesses.

— E perder a tua festa? Nunca — replicou Richard. — Seja como for, o meu pai está cá... no salão de leilões. Ele nunca falhou uma das festas de beneficência da tua mãe, e não era agora que ia fazê-lo.

Bruce assentiu, de forma circunspecta. Em tempos tinham sido grandes amigos — viviam em pontas opostas do mesmo bairro de propriedade finas, frequentaram as mesmas escolas e as mesmas festas, e até tiveram lições de

kickboxing no mesmo ginásio. Jogaram videojogos na sala de cinema de Bruce, rindo-se como patetas até lhes doer a barriga. Ainda hoje, Bruce sentia uma pontada ao recordar.

Mas, conforme foram crescendo, as coisas mudaram, e Richard aos poucos começou a situar-se numa categoria muito específica: o tipo de amigo que só liga quando precisa de algo.

Bruce pensou no que seria esta noite.

— Ei — disse agora Richard, desviando o olhar para um lado. Manteve a mão assente no ombro de Bruce enquanto apontava para a saída.

— Podemos ir aí a algum sítio para eu falar contigo? É só um segundo.

— Claro.

Os ouvidos de Bruce zumbiram quando saíram da pista de dança para uma sala mais sossegada. Lá, Richard virou-se e fitou Bruce com um sorriso ansioso. Apesar de contrariado, Bruce começou a sentir-se mais descontraído — era o mesmo sorriso com que Richard o brindava quando eram crianças e este descobria algo entusiasmante que tinha de partilhar. Talvez estivesse ali apenas para festejar o aniversário de Bruce.

Richard aproximou-se e baixou o tom de voz.

— Olha — disse ele. — O meu pai não me larga. Não para de perguntar se tenho algum estágio em vista para o verão. Podes ajudar-me?

O momento de esperança de Bruce desvaneceu-se, substituído por uma conhecida sensação de desânimo. Richard precisava, uma vez mais, de algo.

— Posso recomendar-te ao Lucius Fox — começou a dizer. — A WayneTech anda à procura de estagiários... Richard abanou a cabeça.

— Não. Ora bem, eu não quero *fazer* mesmo um estágio. É só, tu sabes, falares de mim ao meu pai, dizer-lhe que ando a fazer coisas este verão na WayneTech, e deixar-me entrar no edifício um par de vezes.

Bruce franziu-lhe o sobrolho.

— Queres tu dizer, ajudar-te a fingir que estás num estágio para que o teu pai não volte a chatear-te?

Richard assentiu, pouco empenhado.

— É o último verão antes de ir para a universidade. Não quero passá-lo a trabalhar... sim, tu sabes como é, Wayne, certo? Diz só ao meu pai que estou a trabalhar com o Lucius. Não é nada de especial.

— E como é que vais disfarçar?

— Já te disse... deixa-me entrar na WayneTech de vez em quando. Tirar uma foto no átrio, ou coisa parecida. O meu pai não precisa de ver mais nada.

— Não sei, meu. O Lucius há de acabar por dizer a verdade ao teu pai, se souber disso.

— Oh, anda *lá*, Bruce! Pelos velhos tempos. — Richard ainda sorria quando estendeu o braço para sacudir o ombro de Bruce. — A empresa é tua, não é? Vais deixar que aquele totó te diga o que fazeres?

Bruce indignou-se. Richard bajulara Lucius quando o conhecera.

— Não vou cobrir-te as costas — disse. — Se queres dizer ao teu pai que estás a fazer um estágio na WayneTech, vais ter mesmo de *fazer* o estágio.

Richard fez um som de irritação na garganta.

— O que é que te deu?

— Porque é que insistes?

— Só tens de o dizer de vez em quando ao meu pai. Não é que te vá custar alguma coisa.

Bruce abanou a cabeça. Quando eram mais novos, Richard aparecia sem avisar no seu portão de entrada, a falar quase sem fôlego, agarrado ao último jogo ou ao conjunto de figuras de ação mais recente. A dada altura, os encontros deles passaram de debates sobre os filmes preferidos de ambos para pedidos de Richard para copiar o trabalho de casa de Bruce ou para que este acabasse sozinho trabalhos de grupo ou que lhe desse uma ajudinha a arranjar emprego.

Quando é que ele mudara? Ainda hoje, Bruce não conseguia perceber quando ou porquê as coisas tinham enveredado pelo caminho errado.

— Não posso — disse Bruce, voltando a abanar a cabeça. — Lamento.

Face àquilo, os olhos de Richard pareceram cerrar-se. Procurou o olhar de Bruce, como se esperasse uma resposta diferente, mas, quando esta não surgiu, fez um esgar e enfiou as mãos nos bolsos.

— Pois, como queiras — murmurou, dando a volta a Bruce para regressar ao salão. — Já percebi como é. Fazes 18 anos e deitas as mãos às chaves do teu império, e de repente és demasiado bom para ajudares os teus amigos.

— Richard — chamou Bruce. O outro rapaz deteve-se para espreitar por cima do ombro. Bruce fitou-o por uns momentos. — Se não quisesses a minha ajuda, terias vindo à festa?

Deu-se uma pausa e Bruce percebeu que a resposta era não. Em vez disso, Richard limitou-se a encolher os ombros, após o que deu a volta e seguiu pelo salão sem responder.

Bruce permaneceu ali parado por uns momentos, sozinho, a ouvir a batida da música proveniente do interior. Sentiu, de repente, que não pertencia ali, nem sequer ao seu próprio evento. Imaginou a multidão de colegas de turma

e amigos na pista de dança e pensou se, além de Dianne e Harvey, algum deles ali estaria se não fosse o nome de família dele. Os *paparazzi* no exterior não estariam, isso é certo.

Se ele fosse apenas Bruce Wayne, o rapaz da porta do lado, alguém quereria saber?

Em vez de regressar à pista de dança, Bruce seguiu pelo salão até a uma porta discreta que dava para o exterior. Contornou o edifício até chegar à entrada, onde as câmaras já tinham obtido o que queriam do *Aston Martin* e se aglomeravam, agora, no alto da escadaria, aguardando pela chegada ou saída de convidados especiais. Sem que ninguém desse por ele, Bruce aproximou-se do carro e entrou. Um dos guarda-costas atento aos *paparazzi* na entrada avistou-o no preciso momento em que fechou a porta do carro e ligou o motor.

— Sr. Wayne, meu senhor! — disse o homem, mas Bruce reagiu apenas com um assentir de cabeça brusco. Através da janela, conseguiu ver alguns dos *paparazzi* virarem-se na sua direção e perceberem que ele estava de partida. Arregalaram os olhos e as suas conversas transformaram-se em gritos.

No entanto, Bruce carregou a fundo no acelerador antes que alguém conseguisse alcançá-lo. Pelo espelho retrovisor, o grande edifício foi encolhendo rapidamente. Talvez fosse grosseiro da parte dele abandonar assim tão cedo a festa de beneficência para poder estar sozinho, quando toda a gente queria dispor do tempo dele. No entanto, não abrandou, nem sequer olhou para trás.

CAPÍTULO 2

Luzes de néon espalhavam-se, ao cair da noite, pelas ruas de Gotham City. Havia poucos carros na rua àquela hora e Bruce ouvia somente o roçar dos pneus no piso e o vento, o som do seu carro a rasgar a autoestrada. Era o que o atraía nas máquinas. Seguiam algoritmos, não emoções; quando Bruce pressionava o pedal com o pé, o carro reagia sempre da mesma forma.

Alguns atrás dele, via os faróis dos *paparazzi* a tentarem segui-lo. Bruce permitiu-se a um sorriso cínico e fez subir cada vez mais o conta-quilómetros. O mundo em volta dele tornou-se uma mancha difusa.

Soou um bipe intenso no carro, seguido por uma voz eletrónica que disse: «*Velocidade não recomendada para esta estrada*» *acendendo-se imediatamente um canto do para-brisas que informou a Bruce a que velocidade deveria seguir.*

— Ignorar — reagiu Bruce. Os alertas extinguiram-se. Sentiu o carro a posicionar-se melhor na estrada, para que, à menor sacudidela, compensasse e estabilizasse.

Pelo menos as funcionalidades da WayneTech operavam como deviam, pensou sombriamente. Lucius ficaria contente ao saber disso.

O telefone do carro tocou, ecoando nos ouvidos de Bruce. Quando espreitou para ver quem ligava, percebeu que se tratava de Dianne. Bruce deixou tocar umas quantas vezes antes de, por fim, atender. A voz de Dianne preencheu o carro, a par do estridor da festa atrás dela.

— Bruce? — gritou ela por cima do ruído. — Onde é que te meteste? Vi-te a afastares-te com o Richard, mas depois ouvir dizer que foste embora, mas...

— Fui mesmo embora — respondeu Bruce.

— O quê? Estás bem? — Era a voz ansiosa de Harvey.

— Estou bem — descansou-os Bruce. — Não se preocupem. Só precisava de apanhar ar e espairecer as ideias.

Seguiu-se uma pausa do outro lado antes que Dianne voltasse a falar.

— Faz o que tiveres de fazer — reagiu ela.

— E, se precisares de nós — acrescentou Harvey —, vamos ter contigo.

Bruce relaxou um pouco ao ouvir as palavras deles. Os três chegaram ao ponto onde, simplesmente, sentiam os estados de espírito uns dos outros, pelo que ninguém tinha de dar explicações. Simplesmente, sabiam.

— Obrigado. — E desligou.

Não fazia ideia para onde se dirigia, mas, ao fim de algum tempo, percebeu que ia por um caminho mais longo de volta à mansão. Bruce saiu da autoestrada para uma rua local, passando por filas de prédios de apartamentos arruinados, com as paredes permanentemente manchadas por décadas de humidade e imundice. Havia roupa pendurada frouxamente de uma janela para outra. Erguia-se vapor dos

canos de chaminés. Desviou-se, com fluidez, de um lado para o outro no meio do trânsito, e depois guinou num cruzamento, onde se deteve num semáforo.

Do lado de fora da janela do carro, um idoso rastejava para dentro da sua tenda improvisada, enquanto na ponta do quarteirão outro homem enfiava jornal velho nos sapatos. Um par de miúdos brincava numa viela cheia de lixo.

Bruce desviou o olhar. Não era suposto estar ali. E, contudo, lá estava ele, a conduzir pelos bairros degradados num carro que, provavelmente, custaria mais do que aquilo que uma pessoa que ali vivesse ganharia em toda a sua vida. Teria ele o direito de se sentir triste, com tudo o que tinha na vida?

Estas eram as ruas que os seus pais toda a vida lutaram para melhorar e eram as mesmas ruas onde fora derramado o sangue deles. Bruce inspirou fundo enquanto a luz passou para o verde e ele embalou o motor. Gotham City estava destroçada de muitas formas, mas ainda havia remédio. Ele arranjará uma forma de a consertar. Era a missão que lhe fora entregue.

As ruas não tardaram a mudar para outras sem candeeiros partidos nem janelas barradas. Os *paparazzi* estariam, por certo, a aproximar-se aos poucos dele; se ainda não os tivesse despistado, acabariam por parar em frente aos portões da sua mansão, a inventar títulos para tabloides com o motivo que o terá levado a sair mais cedo da sua festa. Os olhos de Bruce ensombreceram com o pensamento e ele acelerou até o aviso do carro voltar a disparar.

Só quando parou em mais uma série de semáforos é que escutou o eco de sirenes da polícia. Bruce pensou, por instantes, se as sirenes se deveriam a ele, com a polícia a persegui-lo por excesso de velocidade. Depois, percebeu que

o som vinha de algures mais à frente — e não era de um único veículo, mas do que deveriam ser dúzias.

A curiosidade impôs-se ao seu espírito abatido. Bruce franziu o sobrolho ao ouvir os uivos. Passara tempo suficiente a seguir, por sua conta, casos criminais para o som de sirenes o deixar tenso. Para esta zona da cidade, um bairro de lojas de luxo, a pura intensidade das sirenes parecia deslocada. Bruce fez um desvio face à rota que o levaria de volta à Mansão Wayne, e rumou antes na direção das sirenes.

Ao dobrar outra esquina, os uivos de repente tornaram-se ensurdecedores e uma massa de luzes vermelhas e azuis piscava nos edifícios junto ao fim da rua. Barricadas brancas e fita da polícia amarela bloqueavam por completo o cruzamento. Mesmo de onde se encontrava, Bruce via os carros dos bombeiros e as carrinhas da SWAT¹ aglomeradas, as silhuetas de polícias a correr para trás e para a frente diante dos faróis.

Dentro do seu carro, regressou a voz eletrónica, seguida por um mapa transparente espalhado pelo seu para-brisas. «*Intensa atividade policial à frente. Sugerido trajeto alternativo.*»

Uma sensação de pavor tomou-lhe o peito.

Bruce afastou o mapa e parou de repente diante da barricada — no preciso momento em que o inconfundível *pop-pop-pop* de disparos ecoou no ar noturno.

Recordava muito bem aquele som. A memória da morte dos seus pais deixou-o zozno. *Outro assalto. Um homicídio. É disso que se trata.*

Depois, sacudiu a cabeça. *Não, isso não pode estar certo.* Havia demasiados polícias aqui para se tratar de um simples roubo.

¹ SWAT é uma força de intervenção da polícia, cujo significado da sigla é «Special Weapons and Tactics», ou seja, «Armas e Táticas Especiais». [N. do T.]

— *Saia* do seu carro e levante as mãos! — gritou uma agente da polícia através de um megafone, com a sua voz a ecoar por todo o bairro. Bruce apontou a cabeça para ela. Por um instante, pensou que a ordem dela se dirigia a si, mas então viu que ela se encontrava de costas, com a atenção fixa na esquina do prédio que ostentava o nome BELLINGHAM INDUSTRIES & CO — Estás cercado, Noturno! É o último aviso!

Apareceu outro agente a correr até junto do carro de Bruce. Girou exageradamente um braço para que Bruce desse a volta. Com uma voz ríspida e em pânico, avisou:

— *Dê já* a volta. Não é seguro.

Antes de Bruce conseguir reagir, explodiu diante do agente uma bola de fogo ofuscante. A rua foi sacudida.

Mesmo dentro do carro, Bruce sentiu o calor da explosão. Todas as janelas do prédio rebentaram em simultâneo, chovendo sobre o passeio em baixo um milhão cacos. Os polícias agacharam-se ao mesmo tempo, protegendo as cabeças com os braços. Fragmentos de vidro retiniram como uma saraivada contra o para-brisas de Bruce.

De dentro do bloqueio, um carro branco curvou para a esquina a grande velocidade. Bruce percebeu de imediato para onde apontava o automóvel — para uma passagem estreita entre as barricadas da polícia onde acabara de passar a carrinha da equipa da SWAT.

O carro acelerou na direção da brecha.

— Eu disse-lhe para sair daqui! — gritou o agente a Bruce. Um fio fino de sangue escorria pelo rosto do homem. — É uma *ordem!*

Bruce ouviu os pneus do carro em fuga a chiarem no asfalto. Ele estivera um milhar de vezes na garagem do pai, a ajudá-lo a consertar inúmeros motores dos melhores carros

do mundo. Na WayneTech, Bruce observara, fascinado, os testes levados a cabo em motores alterados, jatos conceptuais, tecnologia furtiva, novos veículos de todos os tipos.

E, por isso, ele sabia: o que quer que estivesse instalado debaixo daquele capot era mais rápido do que o departamento de polícia da cidade pudesse ter.

Nunca hão de apanhá-lo.

Mas eu consigo.

O seu *Aston Martin* seria, provavelmente, o único veículo que poderia apanhar o do criminoso, o único com potência suficiente para persegui-lo. Os olhos de Bruce seguiram o percurso que o carro provavelmente tomaria, com o seu olhar a pousar numa placa no final da rua que indicava a autoestrada.

Consigo apanhá-lo.

O carro fugitivo disparou pela abertura na barricada, raspando, pelo caminho, em duas viaturas da polícia.

Não, desta vez, não. Bruce carregou a fundo no acelerador.

O motor do *Aston Martin* lançou um rugido ensurdecedor e acelerou em frente. O agente que lhe gritara tropeçou para trás. Pelo espelho retrovisor, Bruce viu-o a levantar-se atabalhoadamente e a acenar para os carros dos outros agentes à frente, com os dois braços bem levantados.

— Não disparem! — ouviu-o Bruce gritar. — Civil nas imediações... *não disparem!*

O carro em fuga fez uma curva apertada no primeiro cruzamento e, uns segundos depois, Bruce acelerou atrás dele. A rua era aos ziguezagues e depois dava para um arco mais amplo ao encaminhar-se para a autoestrada — e o Noturno tomou a via de acesso, deixando um rasto de fumo e duas marcas de derrapagem na via.

Bruce acelerou em frente para persegui-lo de perto; o seu carro mapeou instantaneamente o terreno, desferindo uma curva perfeita para seguir a via de acesso à autoestrada. Ele tocou duas vezes no para-brisas no preciso lugar onde se encontrava a viatura branca.

— Segue-o — ordenou Bruce.

Era uma funcionalidade concebida para facilitar quando dois carros seguiam em caravana. Agora, um alvo verde realçava o carro branco, e a voz do *Aston Martin* disse: «Carro assinalado.» Apareceu um pequeno mapa no canto do para-brisas, mostrando exatamente onde se encontrava o carro em fuga em relação ao de Bruce. Por muito que o carro branco tentasse agora escapar, não iria conseguir libertar-se dele.

Bruce estreitou os olhos e fez o carro andar mais depressa. Sentiu um formigueiro em todo o seu corpo devido ao afluxo de adrenalina.

— Ignorar — disse ele assim que o carro tentou abrandar. Serpenteou por entre duas viaturas de uma faixa para a outra. O *Aston Martin* reagiu com uma precisão impressionante, sabendo exatamente quando poderia cortar para um espaço estreito e a velocidade a que necessitava de fazê-lo.

Bruce já estava a aproximar-se do carro do Noturno, e este sabia-o. O outro veículo começou a guinar selvaticamente de um lado para o outro. As poucas viaturas ainda na autoestrada desviaram-se conforme eles mudavam de uma faixa para a outra.

Um foco inundou Bruce e a autoestrada à frente dele. Espreitou para cima e viu um helicóptero preto a voar baixo e em paralelo à perseguição deles. Bem atrás dele, viam-se as luzes a piscar do Departamento de Polícia de Gotham City, mas seguiam bem longe.

O *que diabo estou eu a fazer?*, pensou Bruce numa desorientação febril. Mas não levantou o pé. Em vez disso, recostou-se e pisou o acelerador. Tinha os olhos fixos no carro branco que guinava de um lado para o outro à sua frente.

Só mais um bocadinho. Bruce encontrava-se tão perto que conseguia ver o condutor a olhar para trás com um olhar furioso. O carro branco guinou para contornar um camião carregado com tubos enormes, obrigando o condutor a desviar para a faixa de Bruce. O *Aston Martin* buzinou a avisar enquanto se desviou automaticamente para o lado. Bruce rodou o volante com força. Por um instante, achou que ia embater na lateral do camião — mas, passando a milímetros, o seu carro deslizou para a sua faixa, encaixando na perfeição.

Neste momento, apesar de tudo, Bruce sentiu-se invencível, até *natural*, concentrando-se em nada mais do que no seu alvo e na batida forte do seu coração.

Lá no alto, a voz no megafone do helicóptero chamava-o.

— Encoste — gritou. — Civil, pare. Será detido. Pare a sua viatura!

Mas Bruce estava preso ao seu alvo. *Quase lá.* Agarrou o volante ainda com mais força, esperando que os seus cálculos estivessem corretos. Se lhe batesse com precisão na traseira, a velocidade e a fricção do carro do Noturno provavelmente levá-lo-iam a despistar-se. *Acaba aqui.*

O Alfred vai matar-me.

Bruce deu uma palmadinha no volante. O seu coração contorceu-se por um instante face ao que estava prestes a fazer.

— Desculpa, meu amor — murmurou ao *Aston Martin*.

A seguir, acelerou o carro, que, desta feita, tentou detê-lo, oferecendo resistência ao seu movimento no volante. «ALERTA! Colisão à frente!»

— Ignorar — gritou Bruce, e depois embateu com o seu veículo na traseira do carro do Noturno.

Rangido de metal a chocar em metal.

Bruce sentiu uma onda de choque a percorrer-lhe o corpo quando o seu pescoço chicoteou para o lado e foi projetado num arco, o seu cinto de segurança a cingir-lhe o peito com força. Os pneus do outro carro chiaram no piso — ou talvez fosse Bruce, não tinha a certeza — e viu o veículo a virar, momentaneamente a voar. O mundo matizou-se à sua volta. Por um momento, vislumbrou o rosto do condutor — um homem, a sua pele pálida pontuada com sangue.

O carro branco capotou, ficando virado de pernas para o ar. Explodiu vidro em todas as direções quando a estrutura de metal se esmagou numa massa disforme. Apesar de Bruce ter a noção, enquanto sacudia, zozzo, a cabeça, que tudo terá levado menos de um segundo, sentiu como se conseguisse ver o metal a retorcer, secção por secção, com o milhão de estilhaços individuais das janelas a cortar o ar.

A polícia cercou o carro branco, as suas espingardas apontadas diretamente ao condutor no interior. Parecia consciente, apesar de por um fio, com os braços dependurados de cima para baixo no carro.

— Não te mexas, Noturno! — gritou um agente. — Estás preso!

Bruce sentiu mais uma vaga de tonturas. Quando um dos agentes se abeirou dele, agora a gritar furiosamente, Bruce ouviu o seu carro a emitir uma voz a avisar Alfred, assim como a enviar-lhe as coordenadas e à polícia.

O tutor de Bruce atendeu ao primeiro toque, com uma voz tensa e nervosa.

— Menino Wayne! Menino Wayne?

— Alfred — ouviu-se Bruce a dizer. — Dava-me jeito que me viessem buscar. — Não conseguiu perceber a resposta de Alfred, nem sequer estava certo de ter *ouvido* as palavras dele. Só se lembrava de se afundar no seu assento e de o mundo ficar às escuras.

**ANTES DE SER BATMAN, ELE ERA BRUCE WAYNE:
UM RAPAZ IMPETUOSO E DISPOSTO A TUDO
POR UMA RAPARIGA QUE PODE SER O SEU PIOR INIMIGO.**



OS NOTURNOS ATERRORIZAM GOTHAM CITY

Alguns milionários da cidade foram assassinados dentro das suas mansões, e as suas fortunas simplesmente desapareceram. Os responsáveis formam uma organização muito bem preparada que diz lutar contra a injustiça e a corrupção dos poderosos. Deles só se conhece o nome, Noturnos.

BRUCE WAYNE É O PRÓXIMO DA LISTA

Enquanto isso, Bruce está prestes a fazer dezoito anos e a herdar a fortuna da família, bem como as chaves das Indústrias Wayne e todos os seus fantásticos dispositivos tecnológicos. Mas, na noite do seu aniversário, um ato impulsivo condena-o a prestar serviço comunitário no Asilo Arkham, a infame prisão onde se encontram os piores criminosos da cidade.

MADELEINE, UMA ASSASSINA LETAL

O prisioneiro mais interessante de Arkham é Madeleine, uma rapariga brilhante com ligações aos Noturnos. Para chegar até eles e evitar ser o próximo alvo, Bruce tem de convencê-la a falar. Mas será que Madeleine confia mesmo em Bruce? Estará ela a divulgar os seus segredos ou a recolher dele a informação de que precisa para destruir Gotham City?



Copyright © 2018 DC Comics.
BATMAN and all related characters and elements
© & ™ DC Comics. WB SHIELD: ™ & © Warner Bros.
Entertainment Inc. (s18)

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-78-4



9 789898 869784

Literatura Fantástica